



Planeta dos Vampiros

Por Lucas Jeison

Difícil a tarefa de escrever sobre um filme como *Planeta dos Vampiros*. Após uma sessão com essa obra de Mario Bava muitos podem perguntar: mas afinal, qual é a desse filme? Que a grandeza de Bava e de tantos outros cineastas do horror italiano é da ordem da evidência ninguém duvida. Mas esse *Planeta dos Vampiros* (1965) nos dá a vontade de investigá-lo mais a fundo, entender seus meandros, sua ciência e aventura. Terreno esse de difícil acesso, tal qual a jornada da tripulação rumo a um planeta desconhecido.

Quem vasculha no passado sabe que ainda hoje é possível achar, em bancas de revista de interior ou nos sebos mais empoeirados, aqueles livrinhos baratos tão populares nos anos 60, 70 e depois (o passado sempre reverbera mais pra quem tem saudade ou onde o “novo” demora mais a chegar). Faroestes, aventuras eróticas, suspenses de teor gótico, e eventualmente, viagens ao espaço desconhecido. Muitas dessas obras, relegadas pelas intelligentsias a categoria de baixa literatura, serviram de inspiração para cineastas levarem a cabo um projeto de criação de mundo, à imagem e semelhança dos horrores e fantasias da imaginação.

Foi nos escombros da Cinecitta que os estertores do horror italiano forjariam um estilo e um mundo onde, diferentemente de um Rossellini, a realidade brota de um outro lugar - das profundezas obscuras dos seres. Um cinema popular e de baixo custo e alto nível de inventividade que - certamente - desagradou a já citada intelectualidade. Faltava-lhes a emoção e a liberdade do olhar.

Mas falávamos de *Planeta dos Vampiros*, exemplar sci-fi (e única incursão de Mario Bava no gênero). Os restos de cenários que serviram para épicos da “era de ouro” do cinema italiano eram reaproveitados para transformarem-se em naves espaciais e planetas desconhecidos. Um desses planetas, Aura, é rondado pelo espectro do terror e do desconhecido: bastou adentrar nele que a tripulação (capitaneada por Barry Sullivan e que contava em suas fileiras com Norma Bengell) passou a liberar os instintos mais brutais. É a “loucura” se apoderando das racionais mentes balizadas pela ciência. Abandonai aqui toda a esperança, e deixai a razão do lado de fora.

Na verdade os *travellings* e o artesanato cinematográfico irão revelar as nuances de Aura, o planeta que liberará as energias que farão os

tripulantes quererem matar uns aos outros. É essa a estratégia de perpetuação de um planeta em extinção: a troca de corpos. Um cinema corporal, boa definição para o horror italiano do período.

Poderíamos gastar mais tempo falando sobre a bicuda desajeitada do capitão tentando separar um conflito, o clima de tensão onipresente, a beleza do planeta desconhecido construído com serrote e invenção, a mise en scène arquitetada no espaço limitado de uma nave de dois cômodos. Talvez isso não baste para garantir a necessidade de revermos *O Planeta dos Vampiros* hoje. Um pouco porque o inimigo parece já ter tomado conta do planeta Terra (John Carpenter já nos ensinou isso), e também porque, de quando em quando, repetimos a pancadaria desenfreada dos tripulantes desarrazoados. Sobre cinema e humanidade, a aula de Bava é urgente para fugirmos da barbárie.

Por Lucas Jeison